
carnaval
pra
TODOS
CONGONHAS - 2026
Roteiro dos
Desfiles
POLÍCIA
MILITAR
DE MINAS GERAIS
LIESC
CON
GO
NHAS
MINAS GERAIS

Roteiro dos Desfiles

Acadêmicos da Jacuba	04
Império Praiano	10
Unidos da Matriz	18
Casa Imperial da Rosa	26
Mocidade Independente	36

Congonhas 2026

13 de Fevereiro
Sexta

Acadêmicos da Jacuba	21h30
Império Praiano	23h

Roteiro dos Desfiles



FICHA TÉCNICA

Enredo: Jacuba - Corpo e Alma

Fundação: 1977

Presidente: Keyla Sherazady Freitas

Cores: Azul, Vermelho e Branco

Carnavalesco: Júlio Bernardo

Diretor de Carvaval: Júlio Bernardo

Diretor de harmonia: Ronald Adriano Correa

1ª Escola do dia 13/02/2026
Horário do Desfile: 21:30

SINOPSE DO ENREDO

A Acadêmicos da Jacuba desfila em 2026 para reviver a sua glória. O enredo mostra como a escola nasceu da união entre blocos de rua e bailes do bairro Cruzeiro, tornando-se uma potência do samba em Congonhas entre as décadas de 1970 e 1980.

O ponto alto da narrativa é a conquista definitiva do Troféu Quarentão, um título especial que a escola garantiu após vencer três carnavais. O desfile celebra essa "Era de Ouro", relembrando os campeonatos de 1978, 1980, 1983 e 1984.

É uma homenagem aos antigos presidentes, compositores e à comunidade da Basílica. A escola utiliza a saudade como combustível para mostrar que a tradição do povo "jacubeiro" continua viva e pulsante na avenida.

CANTE COM A ACADÊMICOS DA JACUBA

Enredo
Jacuba Corpo e Alma.

Autores do samba-enredo
Júlio Bernardo; DJ Joca Street e Ronaldo Santos (Parcerias)

Mestres de Bateria
Mestres Biro e Wilker

Intérpretes
Ivan de Castro da Silva Júnior e outros

JACUBA CORPO E ALMA

A JACUBA CHEGOU, É BOM SE SEGURAR
AGORA É A HORA POEIRA VAI LEVANTAR
RODA RODA A BATEIA, ESSA VIDA É UM FUÁ
E DE CORPO E ALMA, ARREPIA ORIXÁ
DESCE O MORRO A ENCANTADA, TODA CHEIA DE COR
TRAZENDO NA AVENIDA O BRILHO DO AMOR
BATAM PALMAS, ELA JÁ CHEGOU
JACUBA É RAIZ, É CALOR, É CLAMOR
FEZ DO BATUQUE SEU PRÓPRIO ALTAR
EM MEU CORAÇÃO VEIO PRA FICAR
JACUBA EU TE AMO, EU TE AMO MEU AMOR
NO BALANÇO DO SAMBA ÉS O MEU TAMBOR
FEZ DO QUARENTÃO UMA LINDA CANÇÃO... BIS
FELIZ, FELIZ É CONGONHAS EM UNIÃO
NA BATIDA DO SURDO, PULSA O CORAÇÃO
NA MEMÓRIA VIVA, REIS DE TRADIÇÃO
ZÉ PATROCÍNIO, ROSALVO E JOÃO NICOLAU, RECORDAÇÃO
NOSSO CARNAVAL TEM ALMA E CALOR, COM TODO ESPLENDOR
COM SUA BANDEIRA, VAI EMOCIONAR
NA AVENIDA OU NO MORRO, NASCEU PARA BRILHAR
NOSSO CORAÇÃO BATE EM EXPLOSÃO
JACUBA VENCEU, GANHOU O QUARENTÃO
ESCOLA FLOR DO MEU BARRACÃO
TEU SAMBA É SANGUE NA PALMA DA MÃO
RECRIANDO A NATUREZA, ECOLOGIA QUE EMOCIONA
DESCE O MORRO A ENCANTADA SOB CHUVA DE MAMONA.
NESSA HISTÓRIA OFICIAL É CIGANO OU FOLCLORE / ALAMEDA EM CARNAVAL
MEU CANTO É FORTE, TRADIÇÃO E RAIZ, RIVALIDADE É JACUBA E MATRIZ.

ACOMPANHE O DESFILE

COMISSÃO DE FRENTE
Os Orixás – desenvolvido no enredo "Vendedores de Ilusão" (1984)

A Comissão de Frente retoma o enredo de 1984 para apresentar os Orixás como forças ancestrais que abrem e protegem o cortejo. A espiritualidade de matriz afro-brasileira consagra o início do desfile, conectando fé, memória e identidade. A Jacuba entra na avenida amparada pelo axé e pela própria história.

CARRO ALEGÓRICO 01 - ABRE-ALAS
Fênix – Símbolo da Jacuba

O abre-alas apresenta a Fênix como metáfora do renascimento constante da Jacuba. A alegoria simboliza resistência, superação e retorno à avenida. A escola se afirma como entidade viva que se refaz ao longo do tempo.

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Mestre-Sala: Marcelo Alves Rocha
Porta-Bandeira: Eliza Costa Souza

O casal retrata o Nordeste brasileiro, dialogando com os enredos "Boca do Inferno" (1985) e "Jorge Amado, Bahia e o povo na folia" (1987). A dança traduz literatura, crítica social e cultura popular. O pavilhão circula entre palavra, povo e identidade.

ALA 01 – DAS BAIANAS
O amor pela Jacuba

A ala das Baianas representa o amor, o cuidado e a devoção da comunidade pela escola. O giro das saias simboliza proteção, tradição e pertencimento. As Baianas consagram o desfile como ritual de afeto e memória.

DESTAQUE DE CHÃO
Tiradentes

O destaque representa Tiradentes como símbolo do sonho de liberdade. Sua presença dialoga com a história mineira e com os ideais que marcaram a trajetória da Jacuba. A figura reafirma resistência e consciência histórica.

ALA 02 - TIRADENTES
Exaltação a Tiradentes (1978)

A ala relembra o enredo dedicado a Tiradentes, exaltando sua luta e martírio. As fantasias reforçam o ideal de liberdade como valor coletivo. A Jacuba reafirma sua ligação com Minas Gerais.

ALA 03 - DAS CRIANÇAS
Folclore Brasileiro (1979)

A ala apresenta o folclore brasileiro por meio do universo infantil. Lendas e personagens populares surgem como patrimônio cultural transmitido às novas gerações. A infância aparece como continuidade da memória.

CARRO ALEGÓRICO 02
Ecologia Encantada

A alegoria apresenta a natureza como espaço simbólico e encantado. O carro dialoga com a consciência ambiental e o imaginário da preservação. A ecologia surge como valor social e educativo.

ALA 04 - DA ECOLOGIA
A Mágica Ecologia da Jacuba (1980)

A ala relembra o enredo ecológico apresentado pela escola. As fantasias destacam a relação entre homem e natureza. O tema reafirma responsabilidade ambiental e consciência coletiva.

ALA 05 - DA MAMONA
As vitórias da Jacuba

A ala representa os momentos de comemoração das conquistas da escola. A mamona surge como símbolo festivo e identitário. A celebração traduz orgulho, memória e pertencimento.

TRIPÉ
Romeiros do Bom Jesus de Matosinhos
Destaque: Fada Cavadeira

O tripé faz alusão à fé dos romeiros que se dirigem ao Santuário do Bom Jesus de Matosinhos. A Fada Cavadeira simboliza a religiosidade popular e o imaginário congonhense. Fé e devoção ocupam o centro da cena.



ALA 06 - DOS ROMEIROS
Congonhas: Nossa Terra, Nossa Gente (1981)

A ala representa a caminhada de fé e a identidade religiosa de Congonhas. Promessas, devoção e pertencimento estruturam a narrativa. A religiosidade aparece como experiência coletiva.

ALA 07 - INDÍGENA
A Criação da Noite (1983)

A ala relembra o enredo de temática indígena, abordando mitos de criação e ancestralidade. A noite surge como espaço simbólico do sagrado. O indígena aparece como guardião de saberes originários.

DESTAQUE DE CHÃO
Alienígena

O destaque simboliza o imaginário fantástico e ilusório explorado pela escola. A figura reforça o caráter lúdico e crítico do desfile. O estranhamento aparece como linguagem carnavalesca.

ALA 08 - ILUSÃO - ALIENÍGENAS
Vendedores de Ilusão (1984)

A ala retrata o enredo que abordou fantasia, engano e espetáculo. Os alienígenas simbolizam falsas promessas e seduções ilusórias. A crítica surge em tom carnavalesco.

DESTAQUE PASSISTA
Princesa da Bateria

Representa graça, ritmo e elegância. Valoriza o corpo que dança como expressão do samba. Reforça a força feminina no desfile.

ALA 09 - PASSISTAS

Os passistas apresentam o samba no pé como linguagem corporal da Jacuba. Energia, técnica e tradição sustentam a ala. O movimento mantém a vibração do desfile.

DESTAQUE PASSISTA
Rainha da Bateria

Simboliza liderança, força e exuberância. Comanda a cadência rítmica da escola. Consagra a bateria como coração do desfile.

ALA 10 - BATERIA
Mestres: Biro e Wilker

A bateria sustenta o andamento do desfile com potência e precisão. Representa o pulso coletivo da Jacuba. O ritmo conduz a escola pela avenida.

CARRO ALEGÓRICO 03
União e Força do Povo Brasileiro

A alegoria celebra o povo brasileiro como síntese de diversidade e resistência. O carro exalta união, cultura e identidade popular. A Jacuba se coloca como voz desse coletivo.

ALA 11 - BAHIA
Jorge Amado, Bahia e o povo na folia (1987)

A ala homenageia a Bahia e o universo literário de Jorge Amado. O povo e a festa surgem como protagonistas.



DESTAQUE DE CHÃO
Boca do Inferno

Representa a crítica social inspirada em Gregório de Matos. Ironia e denúncia ganham forma cênica. A literatura se transforma em imagem carnavalesca.

ALA 12 - POETA GREGÓRIO DE MATOS
Boca do Inferno (1985)

A ala relembra o enredo dedicado ao poeta satírico do Brasil colonial. A crítica moral e social aparece como linguagem carnavalesca. O samba assume tom reflexivo.

VELHA-GUARDA
Baluartes da Jacuba

A Velha-Guarda representa a memória viva da escola. São os guardiões da história e do samba. O desfile se ancora na tradição.

CARRO ALEGÓRICO 04 - FINAL
Jacuba – Corpo & Alma

Inspirado no livro “Jacuba – Corpo & Alma”, de Rosalvo Braga Soares, o carro final narra a trajetória histórica da escola. A alegoria consagra memória, pertencimento e identidade. O desfile se encerra afirmando a permanência.



FICHA TÉCNICA

Enredo: Nas trilhas do ouro brilha Congonhas de fé.
Fundação: 1979
Presidente: Amarildo Ribeiro
Vice-presidente: Gabriela Pio
Cores: Azul, Rosa e Branco
Carnavalesco: Marco Aurélio Gonçalves
Diretor de Carnaval: Marco Aurélio Gonçalves
Diretor de Harmonia: José Carlos

2ª Escola do dia 13/02/2026
Horário do Desfile: 23:00

SINOPSE DO ENREDO

O Império Praiano de Congonhas apresenta o enredo “Nas trilhas do ouro brilha Congonhas de fé” como narrativa da formação histórica e cultural da cidade, marcada pela exploração do ouro, pela ocupação colonial e pela resistência dos povos originários.

O desfile destaca a presença africana e a religiosidade popular como pilares da identidade congonhense, evidenciadas no barroco mineiro, na devoção ao Senhor Bom Jesus de Matosinhos e na obra de Aleijadinho.

O enredo se conclui no bairro Praia, berço do Império Praiano, onde o samba, a boemia e as festas populares reafirmam o Carnaval como espaço de memória, pertencimento e continuidade cultural.

CANTE COM A IMPÉRIO PRAIANO

Enredo
Nas trilhas do ouro brilha Congonhas de fé..

Autores do samba-enredo
Gabriela Pio, Roger D´Paul, Diego Soares, Preto Bonezinho, Thoddynho Show.

Mestre de Bateria:
Mestre Fabrício Bento

Intérpretes
Vilaça

NAS TRILHAS DO OURO BRILHA CONGONHAS DE FÉ..

IMPÉRIO PRAIANO PEDE PASSAGEM CANTA CONGONHAS, SUA FÉ E CORAGEM NAS TRILHAS DO OURO, MEMÓRIA PRIMEIRA

RIO SANTO ANTÔNIO GUIANDO A BANDEIRA

O DIA CLAREOU, DESPONTA A ESPERANÇA
BRAVOS BANDEIRANTES, SONHOS NA ANDANÇA RIOS E MATAS GUARDAVAM SEGREDOS O OURO BRILHOU NO CAMINHO
DO MEDO O ESTANDARTE DO IMPÉRIO
A GUIAR MINAS GERAIS A DESPERTAR
ENTRE MONTES NASCEU O ARRAIAL NO BARRO E NA FÉ A VIDA SE DEU FELICIDADE, MINEIRIDADE SOU EU

A BRAVURA DO NEGRO, SUA ETERNA HERANÇA MATOSINHOS, BERÇO DA ESPERANÇA SUA ALMA É MAIS QUE RELÍQUIA E PODER PROMESSA DE UM NOVO AMANHECER

PROMESSA DE UM NOVO AMANHECER

DO ALTO O BOM JESUS NOS ABENÇOA
SINOS TOCAM, A ROMARIA VEM MESTRE ALEIJADINHO, INSPIRAÇÃO LEGADO DE FELICIANO, MANTÉM A TRADIÇÃO CONGADO ECOA, TAMBOR QUE RESSOA É O BAIRRO DA PRAIA, CELEIROS DE BAMBAS VOLTEI PRA AVENIDA ONDE É MEU LUGAR COM GARRA E AXÉ MEU POVO É QUEM DIZ IMPERIANO!

EU SOU FELIZ!

ACOMPANHE O DESFILE

COMISSÃO DE FRENTE
Beija-flor dourado de Congonhas
Coreógrafo: ***Zilvan Lima***

A Comissão de Frente apresenta o fascínio do ouro como força que organiza território, poder e disputa. A coreografia associa o brilho do metal à sedução do fausto e à presença simbólica de Oxum, integrando passos de matriz africana. O fechamento consagra Congonhas e a monumentalidade dos Profetas como síntese de fé e riqueza histórica.

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Fausto e poder
Carlos Eduardo Ferreira e Pâmela Campos

O casal simboliza o renascimento do Império Praiano, associado à imagem da Fênix que retorna à avenida. Os giros “garimpam” o chão como metáfora da busca pelo ouro e pela glória. As cores azul e rosa reafirmam o pavilhão como identidade viva e contínua da escola.

ALA 01
Eldorado Carijós

A ala recorda os povos originários da região e a violência da ocupação motivada pela cobiça do ouro.
Os Carijós surgem como símbolo de resistência frente ao invasor.
A fantasia traduz o conflito entre território ancestral e ganância colonial.

ALEGORIA 01
Trilhas de Congonhas e do ouro

O abre-alas apresenta uma floresta onírica dourada, onde natureza e metal se confundem no imaginário da conquista. A congonha surge como símbolo do território, enquanto grafismos indígenas evocam luta e resistência. A alegoria afirma Congonhas como chão histórico da corrida do ouro.

DESTAQUE DE CHÃO
Ana Flávia
Bandeiras e a flor Congonha
COMPOSIÇÕES: O brilho do ouro

2º SETOR – LEGADO AFRICANO

ALA 02
Religiosidade africana

A ala apresenta a diversidade das crenças trazidas pelas populações africanas e reorganizadas no Brasil. O sincretismo surge como estratégia de sobrevivência cultural. A fantasia afirma a fé como resistência diante da opressão.

ALA 03
Realeza africana

A ala evidencia que reis, rainhas e nobres africanos também foram escravizados. A dignidade ancestral se manifesta em festas, congados e coroações simbólicas. A avenida se transforma em território de soberania e memória.



ALA 04
Herança africana

A ala sintetiza a herança africana como base da identidade mineira. Quilombos, irmandades e saberes tradicionais aparecem como estruturas de resistência. A fantasia afirma cultura como patrimônio vivo.

ALEGORIA 02
Resistência africana

A alegoria destaca o bairro Praia e suas referências a territórios de quilombo. Escudos e símbolos ancestrais reforçam a dimensão guerreira e protetora. O carro costura passado e presente como afirmação identitária.
Destaque: Guerreiro Africano

3º SETOR – BARROCO RELIGIOSO EM CONGONHAS

ALA 05
Bispo negro

A ala homenageia Dom Silvério Gomes Pimenta, primeiro bispo negro do Brasil, nascido em Congonhas. Sua trajetória une fé, erudição e ruptura de barreiras sociais. A presença reafirma protagonismo negro na história religiosa do país.

ALA 06
Jubileu do Bom Jesus

A ala apresenta o Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos como grandes manifestações de fé popular. A romaria e o Santuário surgem como centros de devoção coletiva. A fantasia dialoga com a força simbólica do barroco mineiro.

ALA 07
Esplendor barroco

A ala exalta o barroco de Congonhas por meio das obras de Aleijadinho e Mestre Ataíde. Profetas e Capelas dos Passos aparecem como síntese estética do período do ouro. A cidade surge como museu a céu aberto.

ALEGORIA 03
Congonhas de fé

O carro reúne referências diretas às esculturas de Aleijadinho e à Basílica do Senhor Bom Jesus. A monumentalidade do conjunto afirma fé como patrimônio cultural. Arte, devoção e história se fundem como eixo do setor.

DESTAQUE DE CHÃO
Laura Zigler
Arcanjo
COMPOSIÇÕES: Profetas

4º SETOR – NOSSA PRAIA: BOEMIA EM CONGONHAS

ALA 08 – BAIANAS
Noite enluarada na Praia

As Baianas consagram a boemia do bairro Praia, marcada por encontros sob a lua. A ala traduz o espírito comunitário de viver, trabalhar e celebrar. O giro das saias transforma a boemia em rito coletivo.

ALA 09 – BATERIA
Malandragem praiana
Mestre de Bateria: Fabrício Bento
Rainha de Bateria : Regiane (GIGI) Pacheco Leonel

A ala apresenta a boemia como marca cultural do bairro Praia. O ritmo traduz encontros em bares, rodas e festas. A bateria sustenta a energia do setor como coração da noite.

ALA 10
Boemia

A ala homenageia violeiros, seresteiros e sambistas das noites praianas. A fantasia transforma o descanso após o trabalho em celebração. Música e convivência surgem como memória viva.

ALEGORIA 04
Antônio Ramiro e as festas juninas

A alegoria celebra as festas de Santo Antônio, São João e São Pedro como núcleo cultural do bairro. Antônio Ramiro surge como figura emblemática da tradição comunitária. O carro homenageia o patrimônio afetivo da Praia.
Destaques: Legado de Antônio Ramiro, com a presença de seus três filhos, representados com trajes originais do homenageado.

5º SETOR – PRAIA: REDUTO DE BAMBAS

ALA 11
Baile de máscaras
A ala celebra o retorno dos concursos carnavalescos de Congonhas. As máscaras simbolizam memória e reinvenção. A avenida se transforma em salão popular de reencontro.

ALA 12
Folia em azul e rosa

A ala reafirma a fundação da escola em 1979 como gesto coletivo do bairro Praia. As cores azul, rosa e branco marcam identidade e resistência. A fantasia remete ao título de 1988, consolidando legado.



ALA 13
Carnaval praiano

A ala homenageia blocos tradicionais como Tequila, Marajás e Manda-brasa. Representa o carnaval como festa de rua e encontro familiar. A alegria aparece como patrimônio popular.

ALEGORIA 05
Folia na Praia

O carro exalta a bandeira da escola e homenageia Dona Míriam, porta-bandeira histórica. A alegoria afirma o Império Praiano como tradição viva do bairro. O desfile se encerra com assinatura identitária.

DESTAQUE DE CHÃO
Fátima Sabará
Velha-guarda em noite de gala
COMPOSIÇÕES: Cabrochas

MUSAS
Show de samba da Praia

As musas representam a energia das passistas e a vitalidade do samba.

Simbolizam a continuidade da escola e a promessa de novos carnavais. O corpo em movimento projeta o futuro.

VELHA-GUARDA
Império de bambas

A Velha-Guarda encerra o desfile como memória viva da escola. Representa quem construiu e sustentou o Império Praiano ao longo do tempo. O fechamento consagra tradição, pertencimento e permanência.



14 de Fevereiro
Sábado

Unidos da Matriz	21h
Casa Imperial da Rosa	22h30
Mocidade Independente	0h

Roteiro dos Desfiles



FICHA TÉCNICA

Enredo: “Pela Primeira Vez” de novo:
A Matriz Canta sua História
Fundação: 1976
Presidente: Nilo Sérgio
Vice-presidente: Edgar Gama
Presidente de honra: Carlito José Ferreira (Carlitinho)
Cores: Verde e Rosa
Comissão de Carnaval: Edgar Gama|Ana Flávia Gama|Micheline Gama|Ângelo Gama|Roney Dias de Moura|Thelma Estevão. Margareth Gomes|Simone Cristina|Gislene Machado|Erica Gama|Adelmo Santos
Carnavalesco: Guilherme Estevão
Diretor de Carnaval: Luis Miguel Moura Silva
Diretor de Harmonia: Elton de Assis

1ª Escola do dia 14/02/2026
Horário do Desfile: 21:00

SINOPSE DO ENREDO

No carnaval de 2026, a Unidos da Matriz retorna à avenida para narrar a própria trajetória no enredo: “Pela primeira vez” de novo: a Matriz conta a sua História.

Após mais de trinta anos afastada dos desfiles, a Escola de Samba Unidos da Matriz transforma sua memória em enredo e faz do retorno um gesto simbólico de reencontro com a cidade de Congonhas. O desfile percorre o nascimento da escola ao lado da Igreja Matriz, revisita carnavais marcantes, homenageia personagens fundamentais da cultura local e nacional e culmina no renascimento do carnaval congonhense.

A narrativa não trata o passado como saudade imóvel, mas como força viva que atravessa o tempo. A Matriz retorna porque nunca deixou de existir na fé, no samba e na identidade do seu povo.

CANTE COM A UNIDOS DA MATRIZ

Enredo
“Pela primeira vez” de novo: a Matriz conta a sua História

Autores do samba-enredo
Nilo Sérgio e Eduardo Matosinhos

Mestres de Bateria
Marcus Santos (Gelado) / Harley Oliveira/ Guilherme Bittencourt (Maradona)

Intérpretes
Nalu Rezende/ Dudu Miranda/ Pedro Plínio e Júlio Beisamba

“PELA PRIMEIRA VEZ” DE NOVO: A MATRIZ CONTA A SUA HISTÓRIA

MATRIZ VOCÊ PLANTOU
REGOU A SEMENTE, FEZ O SAMBA
FLORESCER E FLORESCEU
SUA HISTÓRIA FOI CRESCENDO, NOSSA GENTE SE ENVOLVENDO
SEU GESTO FOI UM GESTO MATERNAL.
ABENÇOADA PELA NOSSA PADROEIRA
DAMA E RAINHA DO NOSSO CARNAVAL
FASCINANTE É A SUA HISTÓRIA TE TRAGO NA MEMÓRIA, TE SINTO EMBALAR

A FORÇA DA NOSSA GENTE, FAZENDO TODA MULTIDÃO CANTAR
SURGE UM TURBILHÃO DE ALEGRIA
QUANDO SE AGITA O PAVILHÃO
EXPLODE O SOM DA BATERIA QUE FAZ TREMER O CHÃO E O CORAÇÃO

ME ABRASA A NOSTALGIA AO RELEMBRAR NOSSOS ENREDOS IMORTAIS
OH VERDE E ROSA ETERNA PIONEIRA
SARAVÁ GUERREIRA. IDA ORIXÁ

DO JEITO QUE O REI MANDOU, EU VOU SAMBAR
NA CRENÇA SORTE OU AZAR? AZAR PRA LÁ
NAS ASAS DA LIBERDADE QUE BOM SONHAR
O SAMBA É SEMPRE UM PERIGO NA BOCA DO POVO A CANTAR

VEM TIA VICK, ARIGÓ E PIMENTINHA ORA YÊ MAMÃE SUA LUZ NOS ILUMINA
ENTRE NA RODA DE JONGO NO CORTEJO DE AFOXÉ
VEM PRO SAMBA DE LUNDUM SACODE A POEIRA DO PÉ
ENTRE NA GIRA DE OXUM FOI MEU OBÁ QUE MANDOU
OWURE PRA E.S-U.M
POR IANSÃ E XANGO!!! OH. MATRIZ.

ACOMPANHE O DESFILE

1º SETOR - SOB AS BÊNÇÃOS DE TODOS OS SANTOS, A MATRIZ ESTÁ DE VOLTA!

COMISSÃO DE FRENTE
Sob as bênçãos de nossa senhora da conceição, nascia a matriz do samba de Congonhas
Coreógrafo(a): Bárbara Santos e Rafael Santos

A Comissão de Frente apresenta o marco fundador da Unidos da Matriz em 1976, estruturada no baile, no aperto de mão fundador e no surgimento do pombo como símbolo da escola.
A cena conecta passado e presente ao relacionar o primeiro samba-enredo ao samba-enredo de 2026, afirmando o retorno como continuidade histórica. Personagens como Tia Vick, Zé Arigó e Elis Regina sintetizam a memória carnavalesca da agremiação. O encerramento consagra a escola sob a proteção de Nossa Senhora da Conceição.

ELEMENTO ALEGÓRICO - ABERTURA
Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição

O primeiro elemento alegórico apresenta a Igreja Matriz como berço simbólico da escola. Nossa Senhora da Conceição surge como figura protetora, abençoando o nascimento da Unidos da Matriz. A cenografia remete à arquitetura barroca do século XVIII, reforçando a ligação entre fé, cidade e carnaval.

GUARDIÕES – CASAL
O jardim de Carlito e Miguelzinho

O casal de guardiões simboliza a proteção do sonho original da escola. O “jardim” representa o cuidado, a memória e o cultivo da Unidos da Matriz desde seus primeiros passos, homenageando Carlito e Miguelzinho como figuras fundadoras.

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Felipe Parreira e Marina Gama

Fantasia: A Rosa que conduz o sonho
O primeiro casal conduz o pavilhão da escola como símbolo da identidade verde e rosa. A rosa representa o amor, o cuidado e a delicadeza necessários para manter viva a história da Unidos da Matriz ao longo do tempo.

ALA 01 – BAIANAS
A benção Madrinha Mangueira!

A Ala das Baianas representa a bênção espiritual e a ligação simbólica da Unidos da Matriz com a Estação Primeira de Mangueira, sua madrinha. O branco e o giro das saias consagram o retorno da escola à avenida.

ALA 02 – VELHA GUARDA
Tributo aos fundadores

A Velha Guarda homenageia os homens e mulheres que fundaram e sustentaram a Unidos da Matriz. É a memória viva da escola, representando continuidade, resistência e tradição.

TRIPÉ / ELEMENTO CENOGRÁFICO
Brasão da Escola e Homenagem ao Fundador

O tripé anuncia a identidade da Unidos da Matriz por meio de seu brasão e presta homenagem direta ao fundador, reafirmando as raízes da escola e seu compromisso com a própria história.

ALA 03
No altar do samba, o novo cortejo da Matriz

A ala apresenta o samba como altar simbólico. A coreografia transforma a avenida em espaço ritual, onde fé, memória e celebração se encontram no retorno da escola.

ABRE-ALAS
Idá Orixá: o nascimento dos deuses

Inspirado no histórico enredo de 1979, o Abre-Alas representa o princípio de tudo. Os tambores representam o som primordial que organiza a criação, apresentando a matriz afro-brasileira como fundamento espiritual do samba da Unidos da Matriz.

2º SETOR -NOSSOS CARNAVAIS

CASAL MIRIM DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Bernardo Freitas e Clarice Lacerda
Fantasia: Sininho e Peter Pan

O casal mirim representa o universo da infância e da imaginação, dialogando com o enredo “O Mundo Encantado das Histórias Infantis” e reafirmando o carnaval como espaço do sonho.

ALA 04 – ALA DAS CRIANÇAS
O Mundo Encantado das Histórias Infantis

Releitura do enredo de 1978, a ala transforma a avenida em um reino encantado, celebrando a infância, a imaginação e o poder do sonho no carnaval.

ALA 05
Calabar

A ala recorda o enredo de 1980, que levou à avenida a figura de Domingos Fernandes Calabar. As fantasias remetem ao Brasil colonial e às disputas entre portugueses e holandeses, retomando o debate sobre traição e resistência que marcou aquele desfile.

ALA 06
Do jeito que o rei mandou

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1983, quando o Rei Momo foi colocado como soberano absoluto do carnaval, exaltando a alegria, a liberdade e a inversão das regras do cotidiano.

ALA 07
Nas asas da liberdade

A ala recorda o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1982, que teve a liberdade como tema central. As fantasias, com asas douradas, simbolizam o direito de sonhar, a superação dos limites e a liberdade como conquista coletiva celebrada na avenida.

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Jaqueline Romero e Guilherme Romero
Fantasia: Bailarino Sonhador

O segundo casal faz referência ao enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1984, dedicado a Carlos Gil – O Bailarino Sonhador. A dança traduz a coragem artística e o espírito criativo do personagem.

ALA 08
Sorte ou azar na crença popular

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1981, que mergulhou no imaginário popular para refletir sobre crenças, superstições e a relação do povo com a sorte e o azar.

ALA 09 – ALA DOS COMPOSITORES
Da era Mauá à panela vazia

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1985, que propôs uma reflexão histórica e social sobre os caminhos do Brasil e o projeto de modernização do Barão de Mauá no século XIX.

RAINHA DE BATERIA – FASCINAÇÃO
Rainha: Nayara Santos

A Rainha de Bateria simboliza o encanto e a força da trajetória da Unidos da Matriz, representando os enredos marcantes que fascinaram gerações e ajudaram a construir a história da escola no carnaval de Congonhas.

Princesa da bateria
Princesa: Ana Laura

A Princesa da Bateria simboliza o presente da Unidos da Matriz, representando a continuidade e o futuro da força do samba entre gerações..

ALA 10 - BATERIA
O Bêbado e o Equilibrista
Mestres de Bateria: Mestres Marcus Santos (Gelado) / Harley Oliveira/ Guilherme Bittencourt (Maradona)

A Ala da Bateria relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1986, inspirado na figura de Elis Regina e na canção “O Bêbado e o Equilibrista”.

ALA 11 – PASSISTAS
Estrelas do teatro. Salve a rival Jacuba!

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1987, “M… pra nós”, que transformou a avenida em palco e celebrou o teatro de Congonhas. A ala homenageia também a rivalidade histórica com a Acadêmicos da Jacuba, que impulsionou a criatividade e a identidade do carnaval da cidade.



DESTAQUE DE CHÃO
Honra e Glória Matrizeira: A maior campeã do carnaval de Congonhas
Destaque: Regiane Pacheco Leonel

Dedicado à releitura dos carnavais e enredos da Unidos da Matriz, a presença do destaque reafirma a escola como a maior campeã do carnaval de Congonhas.

ELEMENTO ALEGÓRICO 02
Nossos enredos, vários títulos!

O carro celebra a diversidade temática, a criatividade e a memória dos carnavais que consolidaram a identidade da escola e marcaram a história do carnaval de Congonhas.

3º SETOR –GRANDES ENREDOS, A FÉ E O RENASCIMENTO

ALA 12
Henfil
A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1989, dedicado ao cartunista Henfil. As fantasias fazem referência ao humor gráfico e crítico do artista, que transformou o riso em ferramenta de reflexão social e consciência política.

ALA 13
Tia Vick

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1992, “Paixão e Dança, Victória Verde e Rosa”, em homenagem a Tia Vick, referência da educação, da dança e do teatro em Congonhas. As fantasias dialogam com a Semana Santa da cidade, ressaltando a importância cultural e artística de sua trajetória.

ALA 14
Jubileu - Grupo Cênico

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1993, “Setembro Verde e Rosa – Um Canto de Fé”, que levou à avenida o Jubileu do Senhor Bom Jesus de Matosinhos. Os componentes, caracterizados como romeiros, representam a caminhada de fé que transforma Congonhas em destino de devoção.

TRIPÉ / ELEMENTO CENOGRÁFICO
Sala dos Milagres: fé e devoção dos romeiros

Representa a Sala dos Milagres de Congonhas, espaço onde a fé popular se materializa por meio dos ex-votos e promessas pagas. O tripé simboliza a devoção dos romeiros e dialoga diretamente com o Jubileu.

ALA 15
Zé Arigó

A ala relembra o enredo apresentado pela Unidos da Matriz em 1994, “Arigolândia Verde e Rosa”, em homenagem a Zé Arigó, médium e curador espiritual nascido em Congonhas, cuja trajetória projetou a cidade como destino de fé.

ALA 16
O renascimento do carnaval de Congonhas

A ala simboliza o retorno do carnaval de Congonhas após o longo período de silêncio iniciado na década de 1990.

"OWURÊ PRA E.S.U.M"
Musas: Dardânia Fidelis e Ana Lara

As musas realizam o fechamento simbólico do desfile, consagrando o retorno da Unidos da Matriz à avenida. "Owurê" é uma saudação de matriz afro-brasileira ligada ao pedido de proteção e bênção, que se une ao nome da escola e reforça o encerramento como gesto de fé, identidade e celebração da história da Matriz.

ELEMENTO ALEGÓRICO 03
Viva a História da Matriz

Celebra a trajetória histórica da Escola de Samba Unidos da Matriz, afirmando sua identidade como sujeito histórico, articulando o passado, memória e projeção de futuro.



Casa Imperial da Rosa



FICHA TÉCNICA

Enredo: A Dança da Lua
(Reedição do samba enredo do G.R.E.S. Estácio de Sá 1993)
Fundação: 2022
Presidente: Thiago Freitas
Vice-presidente: Jean Amorim
Cores: Verde, Vermelho e Branco
Carnavalesco: Thiago Freitas | José Miguel Figueredo | Cida Lopes
Diretor de Carnaval: Fifi Cordeiro
Diretor de Harmonia: Jean Amorim

G.R.E.S. CASA IMPERIAL DA ROSA

2ª Escola do dia 14/02/2026
Horário do Desfile: 22:30

SINOPSE DO ENREDO

No Carnaval de 2026, a G.R.E.S. Casa Imperial da Rosa apresenta o enredo “A Dança da Lua”, uma releitura do histórico desfile da Estácio de Sá de 1993. A narrativa utiliza a Lua como eixo simbólico para conduzir o público por uma jornada sobre a criação do mundo, os ciclos da natureza e a relação entre humanidade e tempo sagrado.

Inspirado na mitologia Karajá, o desfile é organizado a partir das fases da Lua — Nova, Crescente, Cheia e Minguante — que estruturam o percurso narrativo e representam nascimento, crescimento, plenitude e transformação. Cada etapa revela forças da natureza, ritos ancestrais e movimentos que regem a existência.

CANTE COM A CASA IMPERIAL DA ROSA

Enredo
A Dança da Lua (Reedição do samba enredo do G.R.E.S. Estácio de Sá 1993)

Autor do samba-enredo
Luciano Primo, Wilsinho Paz

Mestre de Bateria:
Mestre Buda

Intérpretes
Leonardo Bessa; Israel Bruno (Tim); Ângela Bento; Isabela Lima; Júlia Castelani; Juan Carmo e Luiza Castelani

A DANÇA DA LUA

CLAREOU, CLAREOU, CLAREOU (CLAREOU)
A DANÇA JÁ VAI COMEÇAR (OBÁ, OBÁ)
CLAREOU, CLAREOU, CLAREOU A ESTÁCIO
TEM A LUA COMO PAR

OUVI CONTAR DOS ÍNDIOS KARAJÁS QUE
NADA EXISTIA ATÉ KANANCIUÊ CRIAR NA
FRÁGIL LUZ DA LUA NOVA FEZ A TERRA
E A FLORA A FAUNA, O RIO E O MAR O
VERDADEIRO PARAÍSO JARDIM DO ÉDEN OU
QUEM SABE SHANGRILÁ

E ASSIM A LUA DANÇOU E SE FAZ
CRESCENTE E REVELOU O REINO DAS
PEDRAS VERDES OS GUACARIS E OS SACIS
CANÇÃO E A MÃE-DA-MATA QUE PROTEGIAM
AS AMAZONAS BRAVAS GUERREIRAS DA
NAÇÃO ICAMIABAS
BOTA FOGO NA FOGUEIRA, PRA CLAREAR
CAIPORA FLAMEJANTE, NÃO QUER PARAR
SE VAGA-LUME MAL ILUMINA, MANDA
SOLTAR APRISIONA O URUBU-REI PRA LUA
CHEIA LIBERTAR

DRAGÃO LUNAR ME CONCEDA O PRAZER DE
CONTEMPLAR ESTAS DEUSAS QUE ESTÃO
SOB SUA PROTEÇÃO QUE A LUA MINGUANTE
NÃO TARDA A CHEGAR QUANDO VIER,
REDUZIRÁ A CLARIDADE TRARÁ CONSIGO A
MALDADE

O ZODÍACO DANÇARÁ AS BRUXAS NEGRAS
CASARÃO COM SATANÁS MUITA ORGIA E
ALGO MAIS UM VERDADEIRO SABÁ

A DEUSA LUA PARTIU A LUA NEGRA CHEGOU
NA BUSCA DO AMOR O PRETO E BRANCO É
COLORIDO TUDO É MAIS LINDO NO NOSSO
INTERIOR.

Casa Imperial da Rosa

ACOMPANHE O DESFILE

COMISSÃO DE FRENTE
Nascimento do Mundo: a Luz e a Sombra

A Comissão de Frente representa o instante primordial da criação, quando luz e sombra se organizam como forças complementares do universo. A coreografia traduz o nascimento do mundo a partir do pensamento criador, estabelecendo a Lua como princípio regulador do tempo, da vida e dos ciclos naturais que conduzem o enredo.

1º SETOR – LUA NOVA

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Inã-Son-Wéra - O Nascimento do Povo Karajá
Jean Bernardo e Letícia Dias

O casal representa o surgimento do povo Karajá a partir do mito da criação, quando os peixes aruanãs se transformam em gente. A dança simboliza a passagem do mundo espiritual para o mundo humano, marcando o início da organização social e cultural sob a regência da Lua Nova.

ALA 01 – COMUNIDADE
Os Primeiros Karajás: A Escrita Ancestral da Criação

A ala apresenta os primeiros Karajás e os grafismos corporais como forma ancestral de escrita e organização do mundo. Os traços inscritos nos corpos simbolizam memória, identidade e pertencimento, afirmando o conhecimento tradicional como base da vida coletiva e da relação com o sagrado.

DESTAQUES DE CHÃO
Werá Aruã - O Brilho da Ave Sagrada
Destaque: Maria Clara

O destaque representa a ave sagrada como mensageira espiritual entre o céu e a terra. Werá Aruã simboliza proteção, orientação e o sopro da criação, iluminando o nascimento do povo Karajá e reforçando a presença do sagrado no início do desfile.

ALEGORIA 01
O Pensamento Criador e o Nascimento da Lua Nova

A alegoria representa o pensamento primordial que antecede a existência e dá origem à Lua Nova, momento em que o cosmos se organiza e os ciclos do tempo são instaurados. A Lua surge como princípio ordenador da vida e da criação, marcando o início da narrativa do desfile sob a regência do sagrado.

BERÖHOKÃ — AS ÁGUAS PRIMORDIAIS DO ARAGUAIA
Paulo e Wender
Berohokã - As Águas Primordiais do Araguaia

Este elemento simboliza as águas originárias do Rio Araguaia como fonte da vida, do território e da espiritualidade Karajá. As águas aparecem como princípio de fertilidade, movimento e continuidade da existência, conectando natureza e criação.

ALA 02 – CRIANÇAS DA COMUNIDADE
Pequenos Inã do Araguaia

A ala representa a infância como continuidade da vida e da tradição. As crianças simbolizam as águas que renovam e sustentam a existência, reafirmando o futuro do povo Karajá. A presença infantil traduz esperança e permanência cultural.

DESTAQUES DE CHÃO
A Pequena Guardiã dos Sonhos Ancestrais / Werá Mirim

Os destaques representam a proteção dos sonhos, da memória e da ancestralidade nas novas gerações. As figuras encantadas reforçam a dimensão espiritual da infância e o cuidado com o futuro coletivo.

ALA 03 – CRIANÇAS DA COMUNIDADE
Cunhã e Inã Mirim - Sementes do Amanhã Karajá

A ala simboliza o amanhã do povo Karajá, apresentando as crianças como herdeiras dos saberes ancestrais. As fantasias reforçam a ideia de germinação e continuidade da cultura ao longo do tempo.

CASAL MIRIM DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Bernardo Lima e Liz Ribeiro

O casal mirim representa a transmissão simbólica do pavilhão às novas gerações. A dança reafirma o aprendizado, o cuidado e a preservação da identidade cultural desde a infância.

DESTAQUES DE CHÃO
Musa Ana Flávia
Iara - Mãe das Águas / Uapé - A Flor Sagrada das Águas

Os destaques celebram as águas como força geradora da vida e da fertilidade. Iara e Uapé simbolizam proteção, beleza e equilíbrio espiritual, conectando natureza e mito na narrativa do desfile.

Casa Imperial da Rosa

ALA 04 – COMUNIDADE

A ala reafirma a coletividade como base da organização social e espiritual do povo Karajá. A comunidade surge como símbolo de pertencimento, união e continuidade dos valores ancestrais.

3º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA

O casal simboliza a guarda da ancestralidade e a proteção dos valores tradicionais. A dança representa cuidado, memória e resistência cultural ao longo do tempo.

GUARDIÕES DA ANCESTRALIDADE KARAJÁ
Cãeras

Os guardiões representam os espíritos responsáveis pela preservação da memória e dos saberes ancestrais. Sua presença reforça a proteção simbólica do desfile e a continuidade da tradição.

ALA 05 – COMUNIDADE

A ala representa a integração entre território, cultura e espiritualidade na formação do povo Karajá. O coletivo surge como força organizadora da vida e da resistência cultural.

2º SETOR – LUA CRESCENTE

DESTAQUES DE CHÃO
Guaraci - a força criadora da luz, do calor e da vida
Filipe Palmiere

O destaque representa Guaraci como princípio criador associado à luz, ao calor e à vitalidade. Sua presença simboliza a energia que impulsiona o crescimento da vida sob a Lua Crescente, reforçando a relação entre natureza, força solar e equilíbrio dos ciclos naturais.



DESTAQUES DE CHÃO
Cancão
Gilberto Marques

O destaque representa a figura do Cancão como expressão de vitalidade e movimento da natureza. Sua presença reforça a energia criadora do ciclo em expansão, dialogando com a força da Lua Crescente e com a dinâmica da vida em transformação.

ALEGORIA 02
Reino das Pedras Verdes

A alegoria representa a floresta viva e suas forças espirituais, onde natureza, território e encantamento se entrelaçam. As pedras verdes simbolizam fertilidade, proteção e equilíbrio, afirmando o espaço natural como reino sagrado e fonte de energia vital no ciclo do desfile.

DESTAQUES DE CHÃO
Vozes da Floresta
Silvana Da Matta
O destaque representa as vozes ancestrais da floresta como manifestação espiritual da natureza viva. Simboliza a presença dos encantados e a comunicação entre território, seres naturais e humanidade, reafirmando a floresta como espaço sagrado de equilíbrio e proteção.

ALA 06 – BAIANAS DA COMUNIDADE

A ala das Baianas representa a força feminina e a circularidade do tempo. O giro das saias consagra o crescimento da vida sob a Lua Crescente e protege simbolicamente o desfile.

DESTAQUES DE CHÃO
Zana, Rosângela e Gláucia Barbosa
Cunhã-Puiaras

Os destaques representam as Cunhã-Puiaras como entidades femininas ligadas às águas e à floresta, guardiãs do equilíbrio natural e espiritual. Simbolizam proteção, sensibilidade e força ancestral feminina, reforçando a presença dos encantados na condução do ciclo da vida.

ALA 07 – COMUNIDADE
Guaquaris

A ala representa os Guaquaris como seres encantados ligados à proteção da floresta e do território sagrado. Simbolizam vigilância espiritual, equilíbrio e cuidado com a natureza, reforçando a relação entre comunidade, ancestralidade e forças invisíveis que sustentam a vida.

DESTAQUES DE CHÃO
Senhora da Chama Ritual
Daise Fernandes

O destaque representa Cunhã-Pirô como entidade feminina associada ao fogo ritual e à transformação espiritual. A chama simboliza purificação, renovação e poder ancestral, marcando a passagem entre ciclos e reforçando a força do elemento fogo no desenvolvimento do desfile.

Casa Imperial da Rosa

ALA 08 – COMUNIDADE
Feiticeiros do Fogo

A ala representa o domínio do fogo como elemento de transformação e purificação. O fogo surge como força ritual capaz de renovar e reorganizar a vida.

ALA 09 – COMUNIDADE
Caiporá-Tatá

A ala representa o Caiporá-Tatá como guardião da mata e do fogo, entidade responsável pelo equilíbrio entre a natureza e a ação humana. Simboliza vigilância, respeito ao território sagrado e proteção das forças naturais que sustentam a vida e o ciclo do desfile.

RAINHA DE BATERIA
Tatá-Werá — A Centelha Sagrada
Rainha: Trindade Imperatriz

A Rainha de Bateria representa Tatá-Werá como a centelha sagrada que acende e sustenta o ritmo do desfile. Sua presença simboliza energia vital, força criadora e liderança feminina, conduzindo a bateria como coração pulsante do ciclo da vida e do fogo ritual.

ALA 10 – BATERIA
Urisá-Ní — Os Vagalumes

A ala da bateria representa os vagalumes como pequenas luzes que iluminam a noite e guiam o cortejo. Simbolizam energia, pulsação e movimento contínuo, conduzindo o desfile sob a força rítmica que sustenta o ciclo da vida e da Lua.

ALA 11 – COMUNIDADE
Inambé-Açu — As Moscas Mensageiras do Engano

A ala simboliza os desvios, armadilhas e ilusões presentes no caminho humano. As moscas mensageiras representam o engano e a confusão que testam a sabedoria coletiva, marcando o início das tensões que antecedem o mergulho no inconsciente.

3º SETOR – LUA CHEIA

TRIPÉ 01
Da Escuridão Raiou a Luz

O tripé representa o ápice da força lunar, quando a luz se revela em sua plenitude. Simboliza clareza, revelação e potência máxima do ciclo.

ALA 12 – PASSISTAS
Aha-Du-Heká — O Ritual da Lua de Sangue

A ala apresenta os ritos de passagem associados à Lua Cheia. A dança simboliza transformação, sacrifício simbólico e renovação espiritual.

ALA 13 – COMUNIDADE
Tainá Reru — O Primeiro Voo da Vida

A ala simboliza liberdade, crescimento e amadurecimento. Representa o momento em que a vida atinge seu auge e se projeta para novos caminhos.

4º SETOR – LUA MINGUANTE
DESTAQUES DE CHÃO
Guardiãs do Mistério

As figuras simbolizam a proteção dos segredos ancestrais e do conhecimento oculto. Representam o recolhimento e a introspecção antes do fim do ciclo.

ALEGORIA 03
Dragão Lunar

O carro simboliza o inconsciente, o mistério e as forças ocultas da noite. Representa o encerramento do ciclo lunar e o mergulho no desconhecido. Destaque: Epifania da Deusa – Kátia Bitencout

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
Honsu e Hathor — Guardiões da Noite Celeste
Denise Hellen e Iago Maia

O casal representa as divindades associadas à noite, ao céu e aos ciclos do tempo. A dança simboliza o equilíbrio entre luz e sombra e o movimento dos astros, afirmando a harmonia cósmica que rege a Lua e conduz o desfile rumo ao recolhimento final do ciclo.

ALA 14 – COMUNIDADE
A Dança Zodiacal

A ala representa o movimento dos astros e a influência dos ciclos celestes sobre a vida. O zodíaco aparece como linguagem simbólica do tempo.



Casa Imperial da Rosa

DESTAQUE DE CHÃO
Lilithara — A Convocadora da Noite

Lilithara surge como figura central do imaginário noturno do enredo, sintetizando mistério, transgressão e força feminina. Sua presença estrutura visualmente a segunda parte do desfile, orientando cores, formas e atmosferas que conduzem ao encerramento do ciclo.

ALA 15 – COMUNIDADE
O Sabá das Bruxas

A ala representa os rituais noturnos e a sabedoria ancestral ligada à Lua Minguante. Simboliza recolhimento, poder feminino e conhecimento oculto.

ALA 16 – COMUNIDADE
As Bruxas Negras — Guardiãs do Sagrado Ancestral

A ala simboliza resistência e preservação do sagrado diante da perseguição histórica. Representa memória, força e continuidade espiritual.

ALA 17 – COMUNIDADE
A Fogueira que Condena

A ala relembra o julgamento e a repressão aos saberes ancestrais. Simboliza intolerância, medo e violência simbólica contra o conhecimento tradicional.

DESTAQUES DE CHÃO
Musas: Frênese e Ana Marques
Sacerdotisas dos Abismos Lunares

As musas realizam o fechamento ritual do desfile, consagrando o mergulho final no mistério lunar antes do renascimento.

ALEGORIA 04
O Sabá da Noite Eterna

O carro simboliza o fim do ciclo lunar e o silêncio necessário antes do recomeço. Representa encerramento, introspecção e preparação para a renovação.

ALA 18 – COMUNIDADE
Adoradores da Lua — Lunáticos

A ala representa a devoção absoluta ao sagrado lunar. Simboliza entrega, fé e pertencimento ao ciclo cósmico.

ALA 19 – COMUNIDADE
Pajés Dark

A ala simboliza os mediadores entre os mundos espiritual e humano. Representa cura, sabedoria e conexão entre planos.

ALA 20 – COMUNIDADE
Inconsciente Livre

A ala representa a libertação da imaginação e da criação. Simboliza o rompimento de limites antes do renascimento.

ALA 21 – COMUNIDADE
O Chão Sagrado do Samba

A ala final consagra o Carnaval como território popular e ritual coletivo.
O samba surge como espaço de encontro entre ancestralidade, festa e identidade.

TRIPÉ 02 – FINAL
Carnaval Renovação

Encerrando o desfile, surge o tripé que simboliza o renascimento da luz, da esperança e da harmonia, marcando o retorno à Lua Nova

Destaque: Sob a Lua Nova Nasce o Pavilhão
Mestre Sala: Valdeci Lúcio
Porta Bandeira: Diana Lima

No último tripé, o casal de mestre-sala e porta-bandeira surge em branco prateado como a própria materialização da Lua Nova, símbolo do recomeço





FICHA TÉCNICA

Enredo: Maranhão: do Ouro à Lama, da Lama à esperança!
Fundação: 1980
Presidente: Marcus Bastos (Kim)
Vice-presidente: Marcelo Barbosa
Cores: Azul e Branco
Carnavalesco: Walber Ângelo de Freitas
Diretor de Carnaval: Leandro Lúcio Pereira Costa
Diretor de Harmonia: Leonardo Meijon Teixeira

3ª Escola do dia 14/02/2026
Horário do Desfile: 0h

SINOPSE DO ENREDO

No Carnaval de 2026, a Mocidade Independente de Congonhas leva à avenida um enredo que revisita a história e a memória do Rio Maranhão, território originalmente habitado pelos povos Carijós e rio que "corta" a cidade de Congonhas. O desfile parte da relação sagrada entre os povos originários, a água e a natureza, apresentando o rio como fonte de vida, sabedoria e equilíbrio espiritual.

A narrativa se desenvolve a partir do conflito instaurado com a chegada dos bandeirantes sertanistas, movidos pela cobiça do ouro escondido em seu leito. A exploração do Rio Maranhão rompe a harmonia ancestral e revela a violência simbólica e material imposta aos Carijós, transformando a pepita de ouro em símbolo da ambição colonial e da ferida histórica deixada no território.

Sem tratar o passado como relato distante, a Mocidade transforma a avenida em espaço de reflexão e consciência histórica. O enredo reafirma a importância da memória, da resistência indígena e do respeito aos povos originários, propondo uma leitura crítica da formação de Congonhas e do impacto da exploração sobre sua paisagem, sua cultura e sua identidade.

CANTE COM A MOCIDADE INDEPENDENTE

Enredo
Maranhão: do Ouro à Lama, da Lama à esperança!

Autores do samba-enredo
Wanda Lúcia de Freitas e Átila Caiafa

Mestres de Bateria
Mestres Marteson Yuri (TK), Juninho Japão

Intérpretes
Mhario Chocolate, Warley Souza Costa, Átila Caiafa

MARANHÃO: DO OURO À LAMA, DA LAMA À ESPERANÇA!

ESPELHO DA NATUREZA, REFLEXO DO MAR
DE ESTRELAS, LÁGRIMAS DOS CARIJÓS
ENTRADAS E BANDEIRAS...
OURO QUE TE QUERO VIDA
VIDA QUE TE QUERO FÉ

O POVO EM SAGRADAS PRECES, ÀS MARGENS DO RIO SE FORMOU...
O CHÃO VAI TREMER, CORAÇÃO BATER QUANDO ELA PASSAR
OH, RIO MARANHÃO! DESÁGUA NO AZUL DO CORAÇÃO ...
OH, RIO MARANHÃO! DESÁGUA NO AZUL DO CORAÇÃO...
SAMBURÁ TRAZIA PEIXES, BARCOS EM POESIAS...
JURAS SECRETAS DE AMOR...
BEIJOS ROUBADOS DE AMOR...

NO DESMANCHE DA JAZIDA DESSA TERRA TÃO
FERIDA O RIO CHORADE DOR... O ESPELHO VIROU LAMA
QUE PENA.... O RIO CHORA DE DOR....

OH, MEU BOM JESUS DEUSES E ORIXÁS TRAGAM PALETAS DE CORES SETE VELAS DE AMORES FAÇAM O RIO REVIVER.... TRAGAM PALETAS DE CORES, SETE VELAS DE AMORES FAÇAM O RIO REVIVER.... (2X)

OXUM, MANDA ÁGUA BENTA DE BEBER, ÁGUA SANTA DE BENZER
ÁGUA DE CHEIRO PRA LAVAR
OXUM, MANDA ÁGUA BENTA DE BEBER, ÁGUA SANTA DE BENZER
ÁGUA DE CHEIRO PRA LAVAR

OH, RIO MARANHÃO! DESÁGUA NO AZUL DO CORAÇÃO!!
OH, RIO MARANHÃO!!
É A MOCIDADE EXPLODINDO EM EMOÇÃO...

Mocidade Independente

ACOMPANHE O DESFILE

1º SETOR: O RIO PRIMITIVO

COMISSÃO DE FRENTE
Lágrimas dos Carijós: Entradas e Bandeiras
Corégrafo(a): Walber Ângelo de Freita

A Comissão de Frente apresenta o conflito inicial da história do Rio Maranhão: o choque entre os Carijós, guardiões sagrados da natureza, e os bandeirantes sertanistas movidos pela cobiça do ouro. A cena se constrói como ritual ancestral, com os Carijós em harmonia com a mata e o rio, sob a vigília da Coruja, símbolo da ancestralidade, da sabedoria e da proteção da floresta.
Ao lado da Coruja surge o Xamã, líder espiritual do povo Carijó, responsável por conduzir rituais de proteção, cura e resistência.
A harmonia é rompida com a chegada dos bandeirantes, cujos gestos rígidos e invasivos traduzem a ruptura do espaço sagrado. Surge então a Pepita de Ouro, figura sedutora e ambígua, que simboliza tanto a força natural do território quanto a ambição e o poder colonial. O desfecho revela a vitória momentânea da cobiça sobre a sabedoria ancestral, inaugurando a exploração do rio e a ferida histórica que o enredo irá denunciar.

DESTAQUE DE CHÃO
Senhora das águas, reflexo da origem

O destaque simboliza a água como princípio da vida e da criação, refletindo a origem sagrada do Rio Maranhão. A Senhora das Águas representa fertilidade, pureza e equilíbrio natural. Sua presença reafirma a relação ancestral entre o povo e o rio.

CARRO ABRE-ALAS
O Rio, espelho da natureza, berço de fauna e flora exuberante

O carro Abre-Alas apresenta o Rio Maranhão em seu estado primordial, como espelho da natureza e fonte de vida. O rio surge como berço da fauna e da flora, símbolo de equilíbrio e abundância natural. A cenografia evidencia a relação harmoniosa entre água, mata e seres vivos.
O Maranhão é apresentado como território sagrado e generoso. A alegoria reforça a ideia de origem, fertilidade e continuidade da vida. O desfile se inicia consagrando o rio como protagonista da narrativa.

DESTAQUE DE CHÃO
Espírito da Natureza
O destaque simboliza a força vital que habita o Rio Maranhão e a paisagem natural que o envolve. Representa a natureza como entidade viva e sagrada, em equilíbrio entre água, mata e espiritualidade. Sua presença reafirma a relação ancestral entre o homem e o território natural.

ALA 01
A Mata Atlântica Carijó

A ala representa a Mata Atlântica como território sagrado dos Carijós, espaço de vida, proteção e equilíbrio. A floresta surge como abrigo ancestral, onde natureza e espiritualidade coexistem em harmonia. A ala afirma a mata como base da identidade indígena e do rio.

ALA 02
O Rio Indígena

A ala apresenta o Rio Maranhão como caminho sagrado e fonte de vida para os povos originários. O rio é retratado como eixo de subsistência, espiritualidade e organização social. Sua presença reforça a relação ancestral entre água, território e cultura indígena.

ALA 03 – CRIANÇAS
Capivaras e Borboletas – A fauna das margens do Rio Maranhão

A ala simboliza a fauna que habita as margens do Rio Maranhão, representada por capivaras e borboletas. As crianças traduzem leveza, continuidade da vida e equilíbrio natural. A presença infantil reforça a ideia de futuro e preservação ambiental.

2º SETOR: O CICLO DA RIQUEZA: O OURO, A FORMAÇÃO DO POVO E A FÉ

ALA 04 – ALA DAS BAIANAS
O ouro jorrou das bateias

A ala das Baianas simboliza o ciclo do ouro e o trabalho nas bateias, momento de ruptura do equilíbrio natural. O brilho do ouro contrasta com o peso da exploração, marcando a transformação do território indígena em espaço de cobiça e disputa.

ALA 05
A formação do povo

A ala representa o processo de formação do povo às margens do Rio Maranhão, resultado do encontro forçado entre culturas, territórios e interesses distintos. O coletivo surge como construção histórica marcada pelo trabalho, pela fé e pela resistência.
5.1 – Os lavradores do Maranhão
Os lavradores representam aqueles que plantam, nutrem e moldam a terra às margens do Rio Maranhão. O trabalho agrícola aparece como base da subsistência e da permanência humana no território, em diálogo direto com o solo e com o rio.
5.2 – O cortejo do povo da terra
O cortejo representa a diversidade histórica do povo de Congonhas, com destaque para os homens e mulheres escravizados que sustentaram a formação da cidade. A ala evidencia uma realidade marcada pela exploração, mas também pela resistência e contribuição fundamental do povo negro.

TRIPÉ 01
Feliciano Mendes – Do Garimpo ao Milagre da Fé e Devoção ao Bom Jesus de Matosinhos

Feliciano Mendes foi um garimpeiro português que, ao adoecer gravemente, fez a promessa de erguer um santuário caso alcançasse a cura. Cumprindo o voto, iniciou no século XVIII a devoção ao Bom Jesus de Matosinhos, dando origem ao Santuário que se tornaria o principal símbolo religioso de Congonhas.
O tripé marca o nascimento da fé popular que estruturou a cidade.

1º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
A Dama do Arraial e o Homem de Ofício
Carlos Hermínio Francisco Melo e Jéssica Gonçalves

O casal representa a formação dos arraiais do ouro em Minas Gerais no século XVIII. A Dama do Arraial simboliza as mulheres do período colonial, com vestuário inspirado na tradição europeia adaptada ao Brasil. O Homem de Ofício representa o trabalhador livre que constrói o arraial com seu labor, dignidade e autonomia. O conjunto traduz a estética luso-brasileira e o nascimento do povo congonhense.

ALA 06 – A FÉ E A DEVOÇÃO
(O povo, em sagradas preces, às margens desse rio se formou)

A ala representa a formação do povo de Congonhas a partir da fé e da devoção popular. Às margens do Rio Maranhão, a religiosidade se consolida como elemento de união, esperança e identidade coletiva. As preces simbolizam o nascimento de uma comunidade estruturada pela crença e pela promessa.

TRIPÉ 02
O Altar do Santuário e o Barroco de Aleijadinho
O tripé representa o Santuário do Bom Jesus de Matosinhos como centro da fé congonhense. Destaca a arte barroca de Aleijadinho, que transforma devoção em obra monumental. O altar simboliza a união entre religião, arte e identidade cultural da cidade.

DESTAQUE DE CHÃO
Tempo passou...
Destaque: Felipe Palmiere

O destaque representa o elo temporal do enredo, conectando o século XVIII às décadas de 1930, 1950 e 1960, e projetando o olhar para o futuro. O Sol e a Lua simbolizam o ciclo contínuo dos dias e das transformações históricas. O relógio de algarismos romanos e a ampulheta reforçam a passagem irreversível do tempo, unindo passado, presente e porvir.

3º SETOR – DÉCADAS DE 1930 A 1950
Maranhão, espelho da pureza, pesca e lazer

ALA 07
Matas ciliares verdejantes

A fantasia representa as décadas de 1930 a 1950, quando o Rio Maranhão ainda era limpo, navegável e cercado por matas ciliares exuberantes. Em tons de verde, simboliza a vegetação nativa que protegia as margens e garantia a vida do ecossistema.

DESTAQUE DE CHÃO
"Matas Ciliares"

O destaque simboliza a proteção natural que envolve o Rio Maranhão, representada pelas matas ciliares que guardavam suas margens. A figura traduz equilíbrio, cuidado e continuidade da vida, reforçando o papel da vegetação como escudo do rio e da comunidade ribeirinha.



ALA 08
A pesca de subsistência

A fantasia representa a pesca de subsistência no Rio Maranhão entre as décadas de 1930 e 1950, quando o rio era limpo e essencial à sobrevivência das famílias congonhenses. Em tons de azul e branco, remete às águas puras, e traz peixes em relevo, evocando fartura e relação direta do homem com o rio.

MUSAS
"O Desejo do Pescador"

As musas representam o anseio cotidiano do pescador diante do rio: sustento, esperança e retorno seguro. A fantasia traduz a relação afetiva e simbólica entre o homem e as águas do Maranhão, onde trabalho, sonho e sobrevivência se encontram.

ALEGORIA 02
O Rio em tempos de poesia

A alegoria retrata, entre as décadas de 1930 e 1950, o Rio Maranhão limpo e generoso como fonte de vida, sustento e lazer, com pesca de subsistência e passeios de barco aos domingos, evocando "barcos em poesia" e encontros amorosos às margens do rio. Nas laterais, samburás repletos de peixes simbolizam fartura e a pesca artesanal.

ALA 09

Velha Guarda: A família congonhense
A Ala da Velha Guarda homenageia as tradicionais famílias congonhenses, guardiãs da memória e da identidade da comunidade. Representando as décadas de 1950 e 1960, evoca um tempo em que o Rio Maranhão era espelho da natureza preservada, com pesca abundante, lazer, encontros e convivência familiar.

4º SETOR – O ESPELHO VIROU LAMA… QUE PENA… O RIO CHORA DE DOR

ALA 10 – PASSISTAS

A ala traduz em movimento a agonia do Rio Maranhão diante da degradação ambiental. A coreografia expressa conflito, desgaste e resistência, transformando o corpo em denúncia. Os passistas representam o grito do rio, que já não reflete beleza, mas sofrimento.

RAINHA DE BATERIA
A Rainha do Ritmo Mineral

A Rainha representa a força rítmica associada ao ciclo da mineração, que passa a ditar o tempo do território. Sua figura simboliza o compasso pesado imposto ao Rio Maranhão, onde o som do minério substitui o ritmo natural das águas.

ALA 11 – BATERIA
A Mineração
Rainha de Bateria: Maria Clara Ahl
Mestres de Bateria: Marteson Yuri (TK), Juninho Japão

A ala da bateria traduz o impacto da mineração sobre o rio e a cidade. O ritmo forte e marcado simboliza a exploração intensa do solo, alterando o curso natural do Maranhão e a relação do povo com o território.

DESTAQUE DE CHÃO
O Urubu do Rio Maranhão Contaminado / Minério Beneficiado

O destaque simboliza a degradação ambiental e as consequências da exploração mineral. O urubu representa a contaminação, a morte e o desequilíbrio, enquanto o minério beneficiado evidencia o contraste entre riqueza extraída e destruição deixada.

ALA 12
A poluição e o lixo

A ala representa o abandono do Rio Maranhão, agora tomado por resíduos e poluição. O que antes era fonte de vida transforma-se em espaço de descarte, revelando o rompimento definitivo entre natureza e cidade.

ALEGORIA 03
O Rio em Agonia, Chora de Dor

A alegoria materializa o sofrimento

do Rio Maranhão diante da poluição e da exploração. O carro apresenta o rio como corpo ferido, sufocado e silenciado, transformando a dor ambiental em denúncia visual e dramática.

5º SETOR – O RENASCIMENTO

2º CASAL DE MESTRE-SALA E PORTA-BANDEIRA
A Promessa do Amanhã
Lorrayne Santos e Heverton

À frente da Ala dos Ativistas da Esperança, o segundo casal representa a promessa do amanhã. Suas fantasias simbolizam o futuro que se anuncia após a consciência ambiental e a mobilização coletiva. A dança conduz o pavilhão como sinal de renovação, compromisso e esperança.

ALA 13
O ativista da esperança

A ala representa aqueles que se levantam em defesa do rio e do meio ambiente. Simboliza consciência, mobilização e responsabilidade coletiva. O ativismo surge como força capaz de transformar o presente e construir novos caminhos.

DESTAQUE DE CHÃO
O Romper da Esperança
O destaque simboliza o instante em que a esperança se impõe sobre a destruição. Representa a ruptura com o abandono e o início de uma nova postura diante da natureza. O corpo em cena traduz resistência e recomeço.

ALA 14
A procissão da esperança

A ala transforma a caminhada coletiva em gesto simbólico de fé no futuro. Representa união, perseverança e confiança na regeneração do rio. A procissão afirma que a esperança se constrói em comunidade.

ALEGORIA 04
O Renascimento

A alegoria final materializa a possibilidade de recuperação do Rio Maranhão. O carro simboliza vida que ressurge, água que se renova e natureza que reage. O desfile se encerra afirmando que, após a lama, ainda é possível florescer.



O **Carnaval Pra Todos** é uma festa que respeita **histórias, gostos e gerações.**

O **desfile das escolas fortalece a identidade cultural** e valoriza quem construiu o Carnaval de **Congonhas.**



POLÍCIA MILITAR DE MINAS GERAIS

CONGONHAS MINAS GERAIS